

Repensando o Ensino de História: Uma breve narrativa sobre os artigos de Jean Pinsky, Carla Bassanezi Pinsky e Holien Gonçalves Bezerra.

Laís de Oliveira Neves; Aline Praxedes de Araújo

(Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; lais_oliveiraneves@hotmail.com ;

alinepraxedes3@outlook.com.br)

Resumo: Nos últimos anos o ensino de História na educação básica tem sido alvo de diversos debates em torno, por exemplo, da sua formulação curricular e a formação e prática dos docentes, e junto com eles a quantidade de alunos matriculados nos cursos de Licenciatura. O presente artigo visa apresentar algumas considerações sobre o ensino-aprendizagem de História, através dos debates selecionados de Jean Pinsky, Carla Pinsky e Hollie Bezerra no livro *História na Sala de Aula*, organizado por Leandro Karnal. Neste trabalho apresentamos conclusões provisórias sobre o ensino-aprendizagem de história, partindo do que remete a desafios e complicações sobre a questão neoliberal de ensino, que diante da difusão das novas tecnologias globais, tem questionado a eficácia educacional de recursos didáticos simples como o uso dos livros, além de influir na perspectiva da comercialização do teor histórico-cultural. Outro grande problema enfrentado pelos professores de História, quando o assunto é dividir os conteúdos para melhor compreensão, já que o material histórico é denso, e repleto de subtemas. Nesse sentido essa pesquisa buscou compreender as possíveis práticas necessárias para reverter essas situações. Primeiramente a reavaliação do professor como profissional e agente formador de opinião, que ao entrar em sala dala de aula, saiba lidar com a influência midiática, como também não excluir totalmente os novos materiais tecnológicos, já que muitos são adequados principalmente para serem recursos didáticos, e também valorize o livro, além da formulação de uma grade curricular que pretenda está mais próxima do aluno para que haja o desenvolvimento da consciência crítico-reflexiva, e não apenas um acúmulo de informações.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem de História, Educação Básica, Prática Docente, Consciência Crítico-Reflexiva.

Abstract: In recent years the teaching of history in primary education has been the subject of many debates about, for example, its curriculum design and training and practice of teachers and along with them the number of students enrolled in degree courses. This article presents some considerations about the teaching and learning of history through the debates selected Jean Pinsky, Carla Pinsky and Hollie Bezerra in the book *History in the Classroom*, organized by Leandro Karnal. We present provisional findings on the teaching and learning of history, starting from referring to challenges and complications of the neoliberal matter of education, which before the diffusion of new global technologies, has questioned the educational effectiveness of simple teaching resources such as the use of books, as well as influence the perspective of commercialization of the cultural-historical content. Another major problem faced by history teachers when it comes to sharing content for better understanding, as the historical material is dense and full of subtopics. In that sense, this research sought to understand the possible practices necessary to reverse these situations. First the reevaluation of the teacher as a professional and forming agent of opinion, that when entering dala classroom, knows how to deal with the media influence, but also not completely rule out new technological materials, since many are suitable mainly to be educational resources, and also appreciates the book, besides the development of a curriculum that you want is closer to the student so that there is the development of critical-reflexive consciousness, not just an accumulation of information.

Keywords: Teaching-Learning History, Basic Education, Teaching Practice, Critical Consciousness-Reflective.

1 Introdução

Nos últimos anos o ensino de História tem crescido no Brasil e junto com ele o número de candidatos nos cursos de graduação seja em instituições federais, estaduais ou particulares. A demanda dos materiais de cunho histórico tanto em livros ou em revistas e artigos científicos é ampla. Segundo Fonseca (2006), entre a década de 1980 até 2002 foram identificados diversos trabalhos relacionados ao ensino de História no Brasil.

Desde então o ensino de História tem sido discutido desde a sua formulação curricular até a formação e atuação do profissional, contemplando assim os usos das metodologias aplicadas em sala de aula. Atualmente o quadro metodológico positivista tem diminuído, e a nova maneira de se pensar e ensinar História surgiu com os novos recursos didáticos, como o uso das Histórias em Quadrinhos, os teatros as maquetes entre outros materiais, conforme será discutido a seguir.

A prática de lecionar História adquiriu diversas vertentes das quais destaco alguns autores que discutem práticas metodológicas para serem utilizadas em sala: “Pinsky (2010) e Karnal (2010) os quais se referem à separação de textos em assuntos ou épocas; Bittencourt (2009) e Ferreira & Franco (2009) que tratam sobre a história da disciplina ao longo do tempo, suas várias formas de abordagem nas diversas correntes historiográficas, além de métodos e conteúdos a serem utilizados pelos professores, bem como materiais didáticos e documentos; Sobanski et al (2009) nos mostram formas de ensinar história através de quadrinhos e canções. Já Fonseca (2009) expõe como ensinar História para os anos iniciais do ensino fundamental, para crianças em processo de alfabetização, através, basicamente, do uso da história oral (MARTINS, 2012).

Nessa perspectiva, o presente artigo busca apresentar algumas considerações sobre a prática do ensino-aprendizagem de história, partindo de uma análise de propostas que remetem a desafios no estudo dessa disciplina nas salas e as possíveis práticas necessárias para reverter essas situações.

2 Metodologia

A abordagem metodológica utilizada neste artigo seguiu os preceitos do estudo exploratório, através de pesquisa bibliográfica, desenvolvida a partir de materiais disponíveis na literatura: artigos científicos e livros (GIL, 2008). De acordo com Fonseca (2002) na pesquisa bibliográfica, procuram-se referenciais teóricos no intuito de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre determinado tema ou assunto.

Nesse sentido, reflexionamos sobre o que se fala da prática de ensino- aprendizagem da matéria de História através dos artigos: 1) *Por uma História Prazerosa e Consequente* de Jean Pinsky, Carla Bassanezi Pinsky; 2) *Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos* de Holien Gonçalves Bezerra; ambos inclusos no livro *História na Sala de Aula*, organizado por Leandro Karnal na sua primeira edição de 2007.

3 Resultados e Discussão

Ao decorrer da história, o sistema brasileiro de ensino esteve fortemente vinculado às metodologias francesas, segundo Zuccolotto (2011) os principais avanços ocorreram entre as décadas de 80 e 90 com organizações, como a Associação Nacional de História (ANPUH); de leis, como a nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB - Lei n. 9394/96); e de instrumentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs).

Nos últimos anos a forma tradicional de ensino centrada na figura do professor como transmissor do conhecimento histórico, a qual delegava ao aluno a posição de receptor passivo dos conteúdos, passou a ser questionada. Com isso, tem-se buscado redefinir não apenas o aspecto de seleção e organização dos conteúdos, mas também novas metodologias para trabalhar os conteúdos com eles, que partam da perspectiva do professor e do aluno como sujeitos da História. (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2013)

No entanto, a realidade presente do ensino brasileiro, está entrelaçada em diversos problemas a serem enfrentados não apenas com o professor como também o posicionamento do aluno. Na obra *História na sala de Aula*, Karnal (2007) reúne coletânea de artigos onde propõem novas práticas de repensar história e o papel do professor, ressaltando a necessidade de “defender uma forma mais eficaz de lecionar História: estabelecendo um vínculo entre o patrimônio cultural da humanidade e o universo cultural do aluno” (KARNAL, 2007. p 20)

Não se trata de uma organização sobre a História da sala de aula, mas sim de uma organização de autores com propostas do ofício que é lecionar história, e que ela não se torne rudimentar, além do que o historiador-professor não perca o “sentido” do que faz, que é a formação de indivíduos pensantes.

A abordagem de Jean Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky no capítulo *Por uma História Prazerosa e Consequente*. Os Pinsky utilizam suas discussões através do aparato Humanista, onde revelam dois grandes problemas que o currículo de história sofre atualmente: uma adequação ao neoliberalismo e suas implicações. Como a questão do materialismo exacerbado e a valorização da

velocidade da informação, expõem que: procurando acompanhar as mudanças, dos novos tempos, muitos professores acabam comprando a ideia de que tudo que não é muito veloz é chato (PINSKY & PINSKY, 2007, p.17.).

Essa falta de valorização do conteúdo e o desprezo pelo livro resultam em alternativas virtuais de filmes entre outras matérias, até mesmo a substituição da matéria por conteúdos de um passado mais recente, conforme os autores:

Ao substituir aulas de História, drasticamente reduzidas em muitas escolas, por disciplinas *mais práticas e mais úteis* (como computação ou gramática normativa, por exemplo), abre-se mão de um instrumento precioso para a formação integral do aluno. (PINSKY & PINSKY, 2007 p.19)

E essa realidade não está tão longe, ao identificarmos em muitas salas de aulas a substituição do que de fato está postulado como conteúdo de História para problematizações sobre informação mundial. Segundo os Pinsky (2007), muitos professores abandonam tudo o que aconteceu antes do século XIX, com o velho discurso de que o conteúdo é extenso e não se pode falar sobre tudo da História. Claro que boa parte deste papel de vigilância, na responsabilidade do professor está em diretores, pais e também não menos importante a sociedade de consumo:

Não pouparíamos, contudo, muitos colegas que, equivocadamente, em nome de um “ensino crítico”, acabam alienando seus próprios alunos ao não lhes dar oportunidade de adquirir uma visão mais abrangente de História. Assim, nada de processo civilizatório, nada de monoteísmo ético dos hebreus (base do cristianismo), nada de filósofos gregos (base do pensamento ocidental), nada de direito romano (base do nosso), nada de Europa Medieval, de Renascimento, de Mercantilismo e descobrimentos, nada de Bach e Mozart, de Dante e Camões. Parece que nos conformamos, mesmo, em abrir mão do conhecimento e da formação em troca de míseras informações. (PINSKY & PINSKY, 2007 p.20)

Dessa forma, também muitos professores são influenciados a supervalorização do desconstrutivismo. Claro que as desconstruções de muitos conceitos históricos foram necessárias para a novas concepções da nossa História, e no que se diz papel do professor. Por exemplo a utilização dos jogos como material didático, na compreensão dos fatos históricos além de análise do discurso, fora revista, já que antes eram considerados impróprios nos discursos de sala de aula. Porém como delinea os Pinsky (2007) que a utilização do desconstrutivismo deve ser utilizado com cautela, o professor precisa mediar entre o jogo e conteúdo, além de está familiarizado com as operações desconstrutivistas, ele precisa inserir o aluno na contextualização do conteúdo histórico.

Só a desconstrução não basta (além do vazio provocado, deixa um gostinho de insatisfação e nihilismo no ar — no limite, supervaloriza o relativismo e tira o poder de ação das mãos dos

sujeitos históricos); é preciso que os alunos tenham acesso a algum conteúdo histórico e que entendam sua contextualização. Além de tudo, um aviso aos desconstrutivistas pelo amor ao novo: essa história de relativismo está ficando fora de moda... PINSKY & PINSKY, 2007. P. 25)

A proposta feita por Pinsky e Pinsky (2007) é a reavaliação do professor como profissional e agente formador de opinião, a necessidade de que não seja influenciado pelos valores neoliberais propostos na mídia global, além de não confundir educação com informação. E que como um profissional da licenciatura possa valorizar os livros e os estudos do conhecimento dos conteúdos sejam eles de Medieval, Literatura, Moderna, entre outros temas. Como um intermediador é necessário que o professor-historiador tenha cultura, assim sendo:

O professor precisa conhecer as bases de nossa cultura: as formas de organização das sociedades humanas, a evolução das civilizações, as cidades-estados da Antiguidade, a Revolução Francesa, a escravidão no Brasil, o desenvolvimento do capitalismo, os movimentos sociais, as condições de vida das populações no passado, sua cultura material e suas ideias, a música de Beethoven, o cinema de Charlie Chaplin, a literatura de Machado de Assis e por aí afora. . (PINSKY & PINSKY, 2007. P. 20)

Já no capítulo *Ensino de História: Conteúdos e Conceitos Básicos*, Holien Gonçalves Bezerra propõe uma visão geral de toda educação formal, expõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação - Formar cidadãos para a prática social e para o mundo do trabalho - levando em consideração um novo olhar para história que não seja uma mera compreensão do passado, mas sim uma disciplina essencial para desenvolver competências e habilidades do educando.

A escola como uma segunda casa, tem o direito de oferecer e trabalhar os demais conhecimentos diferentes da “casa” moradia, ela precisa transmitir aquilo que fora elaborado socialmente por estudiosos que consideram aquilo necessário, para os estudos da cidadania.

Já é consenso que a escola não tem por finalidade apenas transmitir conhecimentos. Passa a ser consenso também, entre os profissionais da História, ainda que com menor intensidade, que os conteúdos a serem trabalhados em qualquer dos níveis de ensino/pesquisa (básico, médio, superior, pós-graduado) não é todo o conhecimento socialmente acumulado e criticamente transmitido a respeito da trajetória da humanidade. Forçosamente, devem ser feitas escolhas e seleções. Por outro lado, em vista da diversidade dos enfoques teórico-metodológicos que foram sendo construídos, especialmente nas últimas décadas, não é possível pensar em uma metodologia única para a pesquisa e para a exposição dos resultados, nem mesmo para a prática pedagógica do ensino de História. (BEZERRA, 2007.p.38)

A proposta feita por Bezerra (2007) é a seleção do conteúdo, já que se trata de todo conhecimento histórico humano que é vasto, e para que haja compreensão do aluno é necessária uma seleção. Já que muitos professores reclamam de não conseguirem atingir a meta de “passar todo o conteúdo do ano”. Segundo Bezerra (2007) a defesa de uma seleção para grade curricular de história pode ser clássica, cronológica (como é passada atualmente no Brasil) ou de forma integrada ou até

temática, o que ele destaca é o envolvimento do aluno com o conteúdo proposto, muito mais do que a sua totalidade:

Seja qual for a proposta apresentada, há cuidados especiais que merecem ser lembrados. O primeiro se refere ao envolvimento do aluno com o objeto de estudo que está sendo trabalhado. Na exposição factual e linear, que supõe o aluno como receptáculo de ensinamentos, além dos textos expositivos e detalhados, estão presentes exercícios voltados especificamente para o teste de compreensão e fixação de conteúdos. (BEZERRA, 2007p.40)

O uso de novas metodologias para o aprimoramento da construção do conhecimento histórico, seja nas escolas ou na pesquisa científica torna-se fundamental para que os nossos alunos possam perceber o seu olhar crítico na sociedade em que se encontra, ou até mesmos nas suas práticas cotidianas.

Como ressalta Bezerra (2007), enquanto o aluno estiver ciente de que os conhecimentos são provisórios ele terá condições de exercitar os procedimentos da História, na sua problematização das questões propostas, delimitação do objeto, exame e o estado das fontes, análise dos grupos sociais e indivíduos que estão envolvidos na história, levantar hipóteses sobre os fenômenos estudados. Com o conhecimento da complexidade do objeto estudado é possível incentivar a prática interdisciplinar.

Ao defender essa ideia Bezerra (2007) deixa bem claro essa proposta não é para formação de pequenos historiadores; mas, sim a organização dos conteúdos para as estratégias de trabalhar com os alunos o conhecimento histórico, evitando, transmitir os conhecimentos históricos como únicos e acabados.

Ao finalizar a abordagem e inserir suas considerações sobre o conteúdo e o conceito, e definir uma base Bezerra (2007) conclui que suas ideias não têm intenções de fazer emergir novos conteúdos, e sim aplicar aquilo que está mais firme na área de história e a necessidade de estabelecer uma seleção, além de sugerir suporte segundo suas considerações para debates construtivos para que surjam novas possibilidades relacionadas ao tema exposto.

4 Conclusão

Os artigos organizados no livro História na Sala de Aula (Karnal, 2007), mais especificamente os de Jean Pinsky, Carla Bassanezi Pinsky e Holien Gonçalves Bezerra propõem novas maneiras de se pensar o ensino de História Brasileiro. Através dessas abordagens podemos enxergar uma nova perspectiva para a ação do docente. Neste artigo procuramos de maneira sucinta expor algumas considerações sobre o que se fala sobre a adequação do neoliberalismo e a velocidade da informação, e como isso influencia em sala de aula, e a como pode prejudicar o papel do professor, além da

necessidade da seleção dos conteúdos de história na grade curricular, para que haja uma melhor compreensão por parte do discente.

Referências

BEZERRA, H. G. Ensino de História : Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.p.40

BEZERRA, H. G. Ensino de História : Conteúdos e Conceitos Básicos. In: KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

FONSECA, T. N. L. **História e ensino de história.** 2. Ed., 1reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.p.20

MARTINS, R. F. R. Os desafios do ensino-aprendizagem de história nos anos finais do ensino fundamental da rede pública: limitações de formação dos professores e deficiências de leitura e escrita dos alunos. **Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós- Graduação em História da UFRGS (Online)**, v. 4, p. 7 66-782, 2012.

PINSKY, J. ; PINSKY. B. C. Por uma História Prazerosa e Consequente In: KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.

PINSKY, J. ; PINSKY. B. C. Por uma História Prazerosa e Consequente In: KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.p.17

PINSKY, J. ; PINSKY. B. C. Por uma História Prazerosa e Consequente In: KARNAL, L.(Org). **História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2007.p.19

PINSKY, J. ; PINSKY, B. C. Por uma História Prazerosa e Consequente In: KARNAL, L.(Org).
História na Sala de Aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2007.p.20

ZUCCOLOTTO, E. C. Novos e Velhos Desafios do Ensino de História no Brasil Camine: Caminhos da Educação, v. 3, p. 47, 2011.

----- . As primeiras civilizações. São Paulo: Contexto, 2001 (nova edição). PINSKY, Jaime (org.). Ensino de História e criação do fato. São Paulo: Contexto,

1986.